

POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA: O Brasil nos blocos políticos e econômicos

Autor: Paulo Felipe Duarte dos Santos¹

Professor orientador: Leonardo Mèrcher ²

RESUMO

O presente artigo faz uma análise breve da política externa brasileira no âmbito Mercosul/Unasul com o intuito de resgatar as principais informações sobre sua participação. De forma simplificada, analisa-se os dados históricos das fontes oficiais dos dois blocos de integração, bem como do governo brasileiro nos últimos anos. Como resultado é demonstrado, de forma descritiva, a participação do Brasil nos dois processos de integração regional em uma perspectiva que destaca avanços e desafios contemporâneos.

Palavras chave: Brasil. Mercosul. Unasul.

INTRODUÇÃO

Qual a capacidade, potencial e importância da participação do Estado brasileiro nos principais blocos regionais no qual faz parte, assim como quais vantagens e benefícios que o país pode usufruir de tais participações? Esta problematização será analisada e respondida através de uma abordagem qualitativa, com objetivos exploratórios, sendo investigada pelos meios bibliográficos, dando ênfase especificamente nas participações do Brasil no Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) e na União de Nações Sul-Americanas (UNASUL), visando analisar qual a dimensão e potencial destes blocos de integração regional, verificando por exemplo se as intenções foram cumpridas e quais mudanças sucederam ao país na sua participação em tais blocos.

Um fenômeno que tem recebido enorme destaque ultimamente nas relações internacionais é sem dúvida a formação de blocos regionais. Todas as regiões do mundo estão interagindo com os mesmos objetivos, querendo assim através dos

¹ Acadêmico – UNINTER Curso Relações Internacionais

² Doutor em Ciência Política (UFPR, 2016).

blocos regionais, facilitar suas negociações, tanto no meio político, econômico e social. Na América do Sul, a história nos mostra diversas tentativas de unificação e integração regional, mas foi somente a partir da segunda metade do século XX com o fim do mundo bipolar e implantação do neoliberalismo, que tais integrações começaram a se consolidar.

Com a adoção de política econômica neoliberais no Brasil a partir do governo Fernando Collor de Melo (1990 – 1992) e Itamar Franco (1992 – 1994) e sua intensificação no governo Fernando Henrique Cardoso (1995 – 2002) a política externa brasileira tomou novos rumos, com a livre circulação e destaque para a globalização, neste período as organizações intergovernamentais começaram a ganhar corpo e serem definitivamente constituídas na América Latina, baseado na Ata de Buenos Aires assinada em 1990 pelos governos do Brasil e Argentina, representados pelos seus respectivos presidentes da época, Fernando Collor de Melo e Carlos Menem, foi assinado em 26 de Março de 1991 o tratado de Assunção pelos presidentes da Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, visando construir uma zona de livre comércio entre os quatro países, denominada de Mercado Comum do Sul, mais tarde no ano de 2008, no governo de Luiz Inácio Lula da Silva (2003 – 2010), foi assinado o tratado constitutivo da UNASUL, composta pelos doze estados da América do Sul, estava assim consolidada as principais participações do Brasil em blocos regionais, levando o país a proporcionar desenvolvimento econômico e social em um mundo de economia mais competitiva e maior desenvolvimento tecnológico. Segundo Cristina Soreanu (2017, p.43) o Brasil “por ter uma tradição negociadora e pacifista e uma competência reconhecida na diplomacia, o país desempenha papel central na construção da pauta de cooperação internacional”.

Sendo o Brasil o maior país nos blocos aqui analisados, além de possuir a maior economia referente aos demais, todavia se consolida em uma posição de liderança em tais blocos, tornando-se assim também, um ator fundamental para a relação com os demais blocos fora do eixo regional, como por exemplo, BRICS ³e G20⁴ nas quais o Brasil faz parte.

³ Agrupamento econômico composto por cinco países emergentes: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

⁴ (Abreviatura para Grupo dos 20) é um grupo formado por ministros de finanças e chefes dos bancos centrais das 19 maiores economias do mundo mais a União Europeia.

O BRASIL NO MERCOSUL

O MERCOSUL possui atualmente como estados membros a Argentina, o Brasil, o Paraguai e o Uruguai, sendo que a Venezuela teve uma suspensão em dezembro de 2016 por período indeterminado, por razões de não cumprimento de obrigações assumidos quando aderiu ao bloco no ano de 2012. Já no ano de 1996 com o Chile, começou o processo de adesão de países associados, sendo que nos dias atuais todos os países da América do Sul tem sua participação no MERCOSUL, como membro ou associado, ficando a Bolívia hoje em processo de adesão a estado membro, a diferença de estados membros para estados associados, está essencialmente na adoção pelos estados membros da Tarifa Externa Comum (TEC), que os países membros do bloco assumem para as importações provenientes de mercados externos, também conta com uma livre circulação de bens, serviços e fatores de produção, sendo um meio facilitador para o comércio entre estes países, sendo assim, atualmente o MERCOSUL pode ser caracterizado como uma união aduaneira em fase de consolidação.

Como já citado anteriormente, o Brasil por se tratar do país membro com a maior economia do bloco, esta zona de livre comércio traz ao país significativas vantagens, principalmente em relação às exportações com os países membros, com destaque para produtos como automóveis, autopeças, petróleo e gêneros alimentícios, sendo a balança comercial entre os países na grande maioria das vezes sempre positiva para o Brasil, e destacando a Argentina como maior parceiro comercial do Brasil entre os países membros.

Para o Brasil foram os seguintes os principais resultados da sua participação no Mercosul: o comércio do Brasil com o Mercosul aumentou dez vezes entre 1991 e 2012, enquanto o comércio do Brasil com o mundo aumentou em oito vezes; 84% das exportações do Brasil para os países do Mercosul são produtos manufaturados enquanto apenas 53% de suas exportações para os Estados Unidos, 36% das suas exportações para União Europeia e 4% de suas exportações para a China são produtos manufaturados; o Brasil teve superávits comerciais com todos os países do Mercosul nos últimos 10 anos enquanto tem tido déficit, nos últimos anos, com países altamente desenvolvidos; em 2013, o saldo comercial do Brasil com o Mercosul foi mais do que o dobro do saldo total brasileiro, compensando os déficits comerciais com os Estados Unidos de 11 bilhões de dólares e com a União Europeia, de 3 bilhões de dólares; os empréstimos feitos pelo BNDES para realização de obras de infraestrutura em países do Mercosul resultam em contratos com empresas brasileiras de engenharia e na exportação de bens e serviços pelo Brasil; a participação do Brasil no Mercosul permitiu contribuir para a consolidação e defesa da democracia na região e, portanto, para a estabilidade em nossa vizinhança imediata. (REVISTA NEIBA. Disponível em: <http://www.e->

publicacoes.uerj.br/index.php/neiba/article/view/27486/20224. Acesso em 02 Out. 2017.

Podemos verificar significativos avanços comerciais do Brasil após MERCOSUL, com destaque principalmente com um parceiro já antigo, muito antes da criação do bloco, a Argentina, é fato que após o neoliberalismo todos os países do globo mudaram radicalmente sua maneira e características de negociações para com os outros, trata-se de uma mudança praticamente obrigatória para adequação dos novos tempos, e o Brasil conseguiu nestas mudanças, grandes avanços, com até certo destaque além MERCOSUL. No mundo atual, altamente competitivo e dinâmico, existe a necessidade de constante reinvenção por parte dos atores internacionais, e é notável isto no Brasil nos últimos anos.

O Brasil, com sua postura de liderança econômica no MERCOSUL, se faz mais do que necessário elaborar uma estratégia de adaptação, aprofundamento e autonomia no atual sistema internacional, para que além de manter-se na liderança do bloco, também expandir-se com destaque no contexto além eixo regional. Mas cabe aqui destacar que esta liderança do Brasil no MERCOSUL não é totalmente efetiva e dinâmica como se esperava, é muito mais por ser o país de maior economia e de maior escala entre os demais do que efetivamente a sua postura comercial de liderança, pois um problema antigo no Brasil, a grande desigualdade existente no país, o impede de ser um líder com maior potencial no MERCOSUL, impedindo de ser o que a Alemanha foi para a União Europeia por exemplo.

De fato, o Mercosul oferece ao Brasil a possibilidade de se tornar o líder de uma região com um PIB da ordem de grandeza de US\$ 1 trilhão; sem conflitos étnicos, de fronteira, religiosos, históricos ou culturais; com sistemas financeiros relativamente desenvolvidos; uma tradição capitalista de décadas; um parque industrial de porte razoável; consumo de massa; e uma considerável demanda reprimida, visto de se tratar de uma região com uma renda per capita média, porém com bolsões de pobreza expressivos e portanto com grande potencial de expansão de consumo. Se bem aproveitado, trata-se de um conjunto de potencialidades que fazem da região uma das áreas do mundo mais promissoras em uma perspectiva de longo prazo, em termos de crescimento econômico (GIAMBIAGI e MARKWALD 2002, p.5).

Por se tratar de um bloco econômico, onde não apenas o interesse de um único país prevalece, obviamente há algumas desvantagens para todos os membros, e com o Brasil não é diferente, por não existir uma zona de livre comércio de mercadorias plena entre os seus membros, o MERCOSUL é considerado uma união aduaneira imperfeita, isto quer dizer que nem todos os produtos dos países membros estão livres

de barreiras para ingressar no Brasil e vice-versa. A união aduaneira imperfeita ocorre principalmente devido as grandes diferenças de economias dos países membros, o PIB do Brasil, por exemplo, é 75 vezes maior que o do Paraguai, outra situação que prejudica as negociações dos países membros do bloco, é o de não haver consenso entre eles na hora de estabelecer acordos de livre comércio com outros países e blocos econômicos, como os acordos para tais negociações deve ser feito conjuntamente e os interesses dos membros do MERCOSUL são diferentes em muitos aspectos, surge o impasse, sendo que os países membros do bloco não podem negociar acordos comerciais individualmente, o que trava diversas oportunidades comerciais do Brasil com o resto do mundo, pois o país pode ter uma estreita relação com o Japão por exemplo, e ter a oportunidade de fechar um acordo de livre comércio com este importante país asiático e potência mundial, mas caso algum país membro do MERCOSUL não quisesse o acordo, independente do motivo e razão, esta possibilidade de negociação é travada, pois se faz necessário que um acordo externo seja negociado em comum acordo com todos os países membros do MERCOSUL.

Como podemos verificar, a participação do Brasil no Mercosul tem seu lado positivo e também negativo, onde essencialmente as negociações com os países membros do bloco lhe traz uma certa vantagem, e quando precisa de um acordo fora do eixo regional trava-se por algum impasse, devido a acordos firmados com os países do bloco. Em Julho deste ano (2017), o Brasil assumiu a presidência temporária do Mercosul pelos próximos seis meses, substituindo a Argentina, e há uma grande expectativa do país buscar um fortalecimento da integração regional e da agenda externa do bloco comercial com outros países do globo, principalmente com a União Europeia, tentando assim dar uma injeção de ânimo ao bloco, que nos últimos anos pouco evoluiu para o seu crescimento, fica então neste contexto uma expectativa de que o país alavanque de vez uma postura mais efetiva como papel de líder no Mercosul, não só um líder figurativo, mas sim uma postura de liderança que eleve o Brasil a um nível maior entre os atores internacionais, com maiores capacidades tecnológicas e comerciais, tornando-o como liderança de fato no Mercosul, para expandir suas relações políticas, comerciais e sociais em termos regional e consequentemente abrir novos horizontes mundo afora, com participação efetiva também em escala mundial.

O BRASIL NA UNASUL

A Unasul (União das Nações Sul – americanas) é um bloco composto pelos doze países da América do Sul, o acordo tem como principal objetivo fomentar a integração entre os países membros. Como já visto anteriormente a intenção dos países sul-americanos de interagirem com uma maior proximidade é bastante antiga, e foi com o MERCOSUL em 1991 que esta realidade chegou com um maior volume de aproximação de integração, mas neste caso, apenas cinco países membros da América do Sul efetivaram a união, Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai e Venezuela, não contemplando todos os países Sul-americanos como membros do bloco.

Assim, com o propósito de promover o desenvolvimento cultural, econômico, social e ambiental na América do Sul, foi proposta a criação de uma comunidade Sul-americana de Nações e foi efetivada em 2008, com assinatura do tratado constitutivo em Brasília. O bloco passou a se chamar UNASUL – União de Nações Sul-americanas e foi construído com o objetivo de interação de todos os países Sul-americanos e não apenas parte dele. Diferente do MERCOSUL que tem como proposta uma zona de livre comércio, a UNASUL surge como alternativa de integração entre os países do América do Sul, aproximando-se do modelo de integração desenvolvido pela União Europeia. Ou seja, desenvolvendo a integração da região além da esfera econômica, com objetivos mais ambiciosos como uma coordenação política entre os estados.

A diplomacia brasileira prioriza a integração regional, portanto a UNASUL é amplamente favorável ao país no que diz respeito a sua busca à integração econômica, política, social e cultural da América do Sul. A criação da UNASUL, assim como foi a criação do MERCOSUL, surgiu, com grande iniciativa do Brasil, pois devido a superioridade brasileira, principalmente em termos territoriais e econômicos em relação aos demais países da América do Sul, fica praticamente impossível a criação e organizações de blocos no continente sem a participação do Brasil como principal protagonista, sendo assim o Brasil após aderir ao novo sistema internacional implantado após o neoliberalismo, tomou para si um papel de liderança na América do Sul, a missão de ser o principal ator político, de projeção em escala global do continente Sul-americano torna-se uma tarefa difícil mas de extrema importância para o continente e para os próprios propósitos de liderança do país.

O Brasil, além de ser uma potência em termos populacionais e territoriais, conta com uma biodiversidade incrível no seu território, a maior do planeta, possui também em abundância, reservas minerais, florestais e aquíferas, enorme potencial em

energia hidráulica, eólica e demais, destacando-se também um setor agrícola extremamente forte, produtivo e moderno, por todas estas riquezas presentes no país, torna-se ele um ator primordial na UNASUL, para que as finalidades propostas na criação do bloco, uma América do Sul mais unida e forte, onde possa se tornar um componente essencial no mundo, vire realidade.

O que podemos analisar de todas estas vantagens e qualidades atribuídas ao nosso país é que o Brasil possui todas as condições para se tornar um líder de fato no continente americano, alavancando assim com a criação da UNASUL não só benefícios à si próprio, como um ator internacional em evolução plena rumo a se tornar uma nova potência mundial, mas elevando também toda a América do Sul neste contexto. Mas, infelizmente sabemos que a realidade brasileira e sul-americana são totalmente diferentes deste cenário. Se a primeira vista nos parece propício e sensacional para um crescimento imediato, não são poucos os fatores que atrasam tais evoluções necessárias para o nosso crescimento.

Exemplos destas negativas, podemos destacar a enorme disparidade econômica-social presente no Brasil, a corrupção que impera a anos no setor político brasileiro, e que se espalha para outros setores, esta praga que corrompe e destrói a nossa democracia e que parece estar distante de ter seu fim, desestimulando a população brasileira para um comprometimento de futuro melhor para o país, a burocracia praticada e a alta taxa tributária contribuem também negativamente para que o país não avance no seu fortalecimento econômico, político e social, não tendo sucesso evolutivo, nem crescimento adequado, para que consiga aproveitar todas as qualidades inseridas em seu grandioso território, aqui já citadas, para um papel de destaque na América do Sul via bloco UNASUL e conseqüentemente se transformar em uma nação forte e respeitada também no cenário mundial.

Para efeito de comparação, temos o exemplo da China, de como um país também de vasto território e grandes riquezas naturais conseguiu com planejamento e investimentos em infraestrutura e com pensamento no futuro, se tornar grande e uma potência internacional, há algumas décadas atrás, o Brasil estava bem à frente dos chineses, hoje a China é a segunda maior economia do mundo, mostrando que com um planejamento sério e emprego de políticas públicas de qualidade é possível alavancar um país de enormes potências e autossuficiente, refletindo isso para todo o continente do qual faz parte, ou seja, um exemplo claro e prático de como o Brasil

tem as plenas condições também de se tornar um país de enorme projeção, tanto na América do Sul, como no restante do Globo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho aqui apresentado buscou dar um breve parecer do Brasil no emprego de sua atual política externa, em relação aos dois principais blocos regionais no qual o país tem participação, ou seja, o presente trabalho teve como foco a participação brasileira no MERCOSUL e UNASUL, destacando seus objetivos, conquistas e dificuldades enfrentadas em tais participações.

Para tanto, fez-se necessário um estudo bibliográfico do tema, utilizando como base, os materiais de estudos disponibilizados durante o período do curso de Relações Internacionais, administrada pela UNINTER, e demais pesquisas com relação ao material proposto durante o curso.

Foi analisado assim os rumos do Brasil na integração sul-americana á partir do MERCOSUL e UNASUL, seus avanços e retrocessos, e podemos verificar que a participação brasileira em ambos os blocos, mesmo com certos avanços, tais como exemplos os superávits comerciais que o país teve com todos os países do MERCOSUL nos últimos anos, e também o bom saldo comercial apresentado do país no bloco, compensando os déficits comerciais com os Estados Unidos e União Europeia como comparativo, verificamos também, uma certa estagnação, um estacionamento na participação do país em ambos os blocos, até mesmo pela não evolução dos propósitos de criação tanto do MERCOSUL quanto da UNASUL, onde podemos observar que o MERCOSUL se encontra até os dias de hoje, após mais de 25 anos de sua assinatura, como uma união aduaneira em fase de consolidação, ou seja, faltando ainda grandes avanços para habilitar-se ao próximo estágio, que seria o mercado comum. Segundo Armando Costa e Elson Santos (2012, p.132) "problemas internos e a formação da burocracia dos países-membros inviabilizaram aprofundar a liberação da circulação de bens, serviços, pessoas e capitais, o que é fundamental pra criar um mercado comum". Na UNASUL, apesar da adesão de todos os países sul-americanos, seus propósitos, que foram mais ambiciosos, como objetivos de maior coordenação política entre os estados, também não chegaram a

evoluir, ficando o bloco também em uma situação que requer uma maior participação de fato dos seus membros, para que alcance os objetivos propostos de sua criação.

Por fim, averiguamos grandes problemas existentes no Brasil, para que a sua participação nos blocos aqui analisados se concretizem em efeitos positivos para a nossa economia, relações externas e sociedade em geral, pois um país com grandes problemas internos, como a corrupção política e social que impera no país, os grandes entraves burocráticos e a má administração pública, destacados neste trabalho, precisa urgentemente ser corrigidos e extinto de vez, para que só assim o país tenha condições plenas de desenvolver uma grande participação externa via blocos regionais, pois um país da grandeza do Brasil e com todas as suas qualidades aqui também destacadas, merece um poder público mais avançado e honesto, para que cresça e evolua, tornando-se um país forte e respeitado, alavancando junto o continente sul-americano para um patamar mais avançado em suas relações, tanto internamente, como externamente com as demais nações do globo.

REFERÊNCIAS

COSTA, A. J. ; SANTOS, S. de. **Economia internacional: teoria e prática**. Curitiba: InterSaberes, 2012.

GIAMBIAGI, Fabio; MARKWALD, Ricardo A. **A estratégia de inserção do Brasil na economia mundial: MERCOSUL ou "lonely runner"?** Rio de Janeiro: FUNSEX, 2002.

PECEQUILO, C. S. **Temas da agenda internacional: o Brasil e o mundo**. Curitiba: InterSaberes, 2017.

PENA, Rodolfo F. Alves. "O que é Neoliberalismo?"; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-e-neoliberalismo.htm>>. Acesso em 29 Set. 2017.

REVISTA NEIBA. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/neiba/article/view/27486/20224>>. Acesso em 02 Out. 2017.